

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

COSTUMES RURAIS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL: PAISAGENS, USOS E REFLEXÕES DA CIENTIFICIDADE NOS RELATOS DE VIAGENS DE JOHN MAWE (1807- 1811) AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1816 - 1822)

Letícia Mayara Ferreira (PIBIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus de Paranavaí,
leticiamayarafe@gmail.com

Eulália Maria Aparecida de Moraes (Orientadora),
Unespar/Campus de Paranavaí
eulaliamoraes@hotmail.com

Palavras-chave: História e Sociedade. Paisagem Rural. Relatos de Viajantes.

INTRODUÇÃO:

O século XIX se inaugura com a chegada da família real ao Brasil acontece à chegada da família Real ao Brasil, sua chegada modifica comportamentos e relações econômicas culturais. A abertura dos portos “as nações amigas” atraiu estrangeiros para uma nova busca de conhecimentos que serão reveladores da paisagem brasileira. Nossa pesquisa trabalha com o contexto temporal da “abertura dos portos as nações amigas” com ênfase nos costumes rurais na região sudeste do Brasil, uma observação das paisagens, dos usos e reflexões da cientificidade presente nos relatos de viagem, mais especificamente a considerar as obras de John Mawe (1807-1811) Auguste de Saint-Hilaire (1816 a 1822). Para alcançar os resultados da pesquisa estudamos vários autores, que discutem sobre a questão do Brasil neste período. Como Sergio Buarque de Holanda, Mary del Priore entre outros.

Desde o século XVI, o Brasil esteve colonizado por Portugal. Uma política colonizadora comprometida pela metrópole portuguesa se mantivera distanciada de relações a cerca de sua ocupação do território. Ao nos debruçarmos sobre a formação da sociedade colonizadora brasileira percebemos que se trata de uma sociedade que começa voltada para o ruralismo, passando pelos séculos XVI, XVII e XVIII e ao findar o século XVIII já é possível de um desenvolvimento de técnicas no que diz respeito as preocupações agropastoril - plantas e animais que contribuíram para a formação da sociedade.

“[...] Na economia agrária, pode dizer-se que os métodos maus, isto é, rudimentares, danosos e orientados apenas para o imoderado e imediato proveito de quem os aplica, tendem constantemente a expulsar os bons métodos. Acontece que, no Brasil, as condições locais quase impunham, pelo menos ao primeiro contato, muitos daqueles métodos “maus” e que, para suplantá-los, era mister uma energia paciente e sistemática”. (HOLANDA, 1995, p.51)

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Tais métodos de sistemática tecnológica aprecem no findar do século XIX e ao se buscar compreender, através de viajantes naturalistas do século XIX, as considerações ainda são de críticas que irão tecer em torno da relação do homem com a natureza.

COSTUMES RURAIS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL: PAISAGENS, USOS E REFLEXÕES DA CIENTIFICIDADE NOS RELATOS DE VIAGENS DE JOHN MAWE (1807- 1811) AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1816 - 1822)

Em meados do século XIX começa a surgir um interesse do homem em busca de uma cientificidade, saindo da Europa para o Novo Mundo em busca de expandir seus conhecimentos. Os homens “aportavam” no Brasil com sua visão europeizada e estabelecendo comparações.

Segundo Sergio Buarque de Holanda foi pelo anseio pela aventura que se concretizou a possibilidade de colonização no Novo Mundo. Para Holanda (1995), a economia escravista colonial foi à forma pela qual a Europa conseguiu completar o que faltava em sua economia, já que dependiam de produtos naturais por não ser industrializada aumentando o sistema agrário. A considerar os primórdios da conquista ocupacional da América portuguesa, uma das primeiras coisas que chamara atenção do Europeu, no contato com o Novo Mundo foi a exuberante natureza animal, vegetal e étnica, todos estes componentes foram relatados nas primeiras notícias que segue para a metrópole portuguesa a partir da carta de Pero Vaz de Caminha; a excentricidade daquilo que se compunha de flora e fauna eram notícias que colocavam em cheque alguns valores da Europa. Na Carta de Pero Vaz de Caminha as informações dizem respeito a uma natureza de grandes possibilidades de riqueza para o conquistador.

Outras narrativas de viajantes estabelecidos aqui darão informações que cada vez mais buscam seduzir o europeu português para a ocupação, a exemplo da obra de Pero de Magalhães Gandavo escritos sobre o Brasil Colonial “Tratado de Terra no Brasil- História da Província Santa Cruz (1576)”, em seus escritos afirma que a principal causa que o leva a escrever suas memórias acerca da América portuguesa é a necessidade de lançar luz sobre esta tão importante descoberta e porque não há “atégora pessoa quea emprendesse, havendo já setenta e tantos annos que esta Provincia he descoberta”. Considera que a falta de divulgação “sepulta a província de além-mar em silencio” e nisto se reflete a falta de braços para os empreendimentos de colonização e conquista (GANDAVO, 2008,p.8)

Com a chegada dos colonizadores aqui os povos indígenas se tornam os obstáculos que devem ser removidos, conquanto possuíssem conhecimento de várias espécies de plantas e caminhos, ou seja, uma adaptação de muitos anos a esta natureza que se denominou americana. Aqui cabe destacar a um conhecimento de fitoterápicos que de certa forma foram apropriados pelos jesuítas; um conhecimento de botânicas médicas, que acabam por ser incorporados a sabedoria popular da sociedade que se

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

forma, pois os índios possuíam o conhecimento de muitas plantas que os ajudavam na cura para vários tipos de doenças, específicas desta geografia.

Não são poucos os escritos de jesuítas dos séculos XVII e XVIII que apontam para um conhecimento de plantas que estão relacionadas à cura de determinadas doenças do período e que ainda hoje figuram nos usos e costumes da sociedade. As plantas também eram usadas como um antídoto para os venenos, como picadas de animais e existia um conhecimento de períodos para a plantação e colheita das plantas, que poderiam ser influenciados pelas fases da lua.

Conforme se sabe, o sistema imunológico europeu não estava preparado para várias doenças que existia no Novo Mundo, sendo dessa forma conheciam remédios para curar somente as doenças do Velho Mundo e muitas vezes esses remédios eram trazidos para o Novo Mundo de maneira precária, assim cada vez mais se interessassem pela botânica americana. Da mesma forma nossos nativos não tinham sistema imunológico para a doença dos europeus. Segundo Luiz Felipe de Alencastro no capítulo “Índios, os escravos a Terra” ao tratar a “unificação microbiana” considera que a ausência de zoonose e a condição de isolamento dos nativos da América os tornaram vulneráveis as doenças as quais o europeu estava adaptado há muitos séculos.

Segundo Alencastro, (2000), assim a figura do indígena será fundamental neste aspecto, usando de várias plantas nativas da região, mas também usavam certo ritual em que acreditavam que seriam suas terapias curativas. Precisavam saber várias coisas sobre as plantas suas qualidades e muitas podiam ser usadas em forma de alimentos também já que não causavam danos a saúde e possuíam um sabor agradável. As plantas possuíam várias funcionalidades cada parte da mesma poderia ser usada para uma coisa diferente, a flor, o caule e a raiz.

No Velho Mundo se conhecia o trigo, no Novo Mundo não existia, um alimento que poderia substituí-lo seria a mandioca usada para várias funcionalidades. Os índios também eram utilizados em seu cultivo. Segundo Priore (2006), vários colonizadores comparavam com o pão de trigo, pois no Novo Mundo não existia trigo, nas tentativas de produzir fracassaram em sua plantação. Existiam alguns bichinhos que comiam os grãos. Os colonos então tiveram que se adaptar a esse novo alimento. A mandioca era usada como plantas medicinais também. A mandioca também se torna alimento de escravos por ser fácil seu cultivo. Era usada de várias maneiras como suas folhas.

A mandioca, por exemplo, era bastante usada e Pero Vaz de Caminha cita que várias vezes pela ignorância dos portugueses confundia-se a mandioca com o inhame. Para Holanda (1995), no cultivo da mandioca eram usados homens e mulheres indígenas, no primeiro momento limpava-se a área aonde iria se plantar a mandioca derrubando e queimando árvores, por exemplo, que servia para fertilizar a terra e eliminar possíveis cobras. Depois vinha a coivara no qual justavam-se restos de madeira e eram queimados de novo, era executada então a limpeza final do terreno. Terminando o ciclo masculino de atividades e iniciando o feminino onde plantavam e tiravam as raízes da terra. As mulheres também preparavam a mandioca como alimento, preparavam tapiocas e beiju para comer

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

com peixes e carnes que eram usadas também para guerras, pesca, caça ou eram usadas como meio de troca com outras tribos, por exemplo, era usada como os colonizadores usavam o pão.

O milho também foi uma planta de extrema importância. Para Priore (2006), outro alimento indígena era o milho o modo de seu cultivo era parecido como a da mandioca, mas o milho não foi fácil de conquistar o paladar português como a mandioca. No qual se utilizou primeiro de alimento para engordar as galinhas. O açúcar servirá de grande importância já que no século XVI será introduzida e cultivada principalmente na região nordeste e sendo exportada para o exterior, servindo para diversas coisas como alimento e remédio entre outros. Segundo Priore (2006), A invasão do açúcar, no qual os portugueses se adaptavam as técnicas de cultivo indígena. O Brasil seria um país de terras férteis seu clima tropical propiciava a isto.

A presença do africano na América, como força de trabalho escravo parece com muita frequência desde o século XVII obrigado a trabalhar, nos latifúndios coloniais e os indígenas como força influenciadora na indústria extrativa, na pesca, caça e criação de gado. Os engenhos de cana eram fortes e sua extração era rudimentar diferente do modo indígena, às vezes era preciso a fixação colonos. Sem os escravos a terra fértil seria irrealizável afirma Sergio Buarque de Holanda (1995).

O desenvolvimento da agricultura trouxe consigo a exploração de mão de obra indígena e negra, os índios e os negros e com frequência a presença da escravidão negra era mais expressiva nos trabalhos de produção açucareira. Segundo Sergio Buarque de Holanda e Capistrano de Abreu o indígena não foi mão de obra expressiva porque escravidão do negro africano se adequou mais aos trabalhos pesados, tornando o escravo africano indispensável para o sistema colonial, atualmente há autores, como Luís Felipe de Alencastro, que contestam tais afirmativas apresentadas.

Apresentam estudos que demonstram que fatores adversos como as doenças, à dieta alimentar dos aldeamentos e as violentas explorações faziam com que os índios fugissem para as matas, adentrando os continentes, o que não foi impedimento para que fossem em muitos momentos escravizados, sem contudo, serem, estes indígenas, inseridos na economia mercantilista. Segundo Holanda (1995), o português vinha para a colônia buscar riqueza e sem muito trabalho queria colher o fruto sem plantar a árvore, eles optavam pela vida aventureira ao trabalho agrícola. Sendo assim a mão-de-obra escrava apareceu como elemento principal em nossa economia. O negro sempre era obrigado a trabalhar, nos latifúndios coloniais. Os indígenas ajudavam na indústria extrativa, na pesca, caça e criação de gado.

Os animais vindos da Europa foram, aos poucos, inseridos na economia e formação dos costumes da nascente sociedade brasileira como auxiliares nas lidas rurais e urbanas. Foi de extrema importância, nesse período, século XVII, as mais diferentes espécies que não existia no Velho Mundo como cavalos e bovinos começam a ser inseridos na economia do Brasil; os cavalos, por exemplo, de várias raças foram trazidas para a América e serviam para as mais diversas funções nas lidas rurais, criando aspectos que se inseriram nos modos de vida de algumas regiões do Brasil como, por

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

exemplo, a cultura dos boiadeiros no centro-oeste, os tropeiros no extremo sul e as vaquejadas no nordeste do Brasil.

Não é só a criação de bois que se dedicam os fazendeiros de Campos Gerais, mas a de cavalos também. O meu amável hospedeiro e Jaguariaíva, o coronel Luciano Carneiro, possuía oitocentas éguas, além de gado e costumava comprar potros no Sul, que ele revendia com lucros depois de mandar domá-los. Fui testemunho dos métodos que adotavam para domar (SAINT- HILAIRE, 1978, p.22).

Gradativamente o gado se insere na economia e hábitos alimentar da sociedade brasileira com outras utilidades que o couro apresenta como elemento que agrega cada vez mais utilidades culturalmente valorizadas para a sociedade. Para Priore (2006), utilizado para alimentar famílias o cuidados com o seu couro era reservado para venda porque se torna muito valioso.

No Brasil a existência da civilização agrícola, nos apresenta a figura do lavrador. Esta presença será responsável por diversos experimentos de cultivos no qual o lavrador trabalhava e que a partir do século XIX.

O sistema de agricultura geralmente adotado pelos colonos da região é o mesmo em uso em todo o Brasil. Como ocorre em Minas, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e em Goiás, as matas são derrubadas e queimadas, sendo feita a semeadura sobre suas cinzas. Verifica-se, entretanto, que no cultivo do trigo é empregado o arado e que agricultores sabem tirar proveito da terra. Esta alteração de prática essencialmente prejudicial é um bom augúrio para o futuro da agricultura brasileira; esperemos que os habitantes dos Campos Gerais não limitem o emprego do arado ao cultivo do trigo, e que o belo exemplo que eles vêm dando, acabe por ser imitado pelas províncias mais setentrionais do império brasileiro (SAINT- HILAIRE, 1978, p. 23).

Existia também homem livres que possuíam o nome de caipira entre outros nomes. Vários imigrantes trabalhavam na lavoura. Trabalhavam para os senhores e para sua subsistência. O mundo dos roceiros não era homogêneo. Em São Paulo as casas dos sítios eram feitas de barro e cobriam-se de telhas ou palha. Saint-Hilaire viajante se queixa em 1819 da falta de utensílios de luxo e alfaias, relata em 1816-1822 suas impressões sobre os roceiros, mostrando sua miséria, fala de suas roupas que eram feitas de algodão e na maioria das vezes sujas e rasgadas. Para Priore (2006), a diferença do mundo rural também é notada.

Num passado não muito remoto a paróquia da cidade de Castro compreendia todo o distrito, mas o crescimento de sua população e, sobretudo a extensão de seu território exigiam sucessivos desmembramentos. Assim em 1839 havia no território de Castro cinco paróquias diferentes, a da cidade propriamente dita, as de Guarapuava, Belém, Jaguariaíva e Ponta Grossa. No Distrito de Castro o número de pessoas verdadeiramente brancas é muito maior dos nos distritos de Itapeva e de

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Itapetininga. Em 1820, a população da cidade se compreendia de 5 mil indivíduos, incluindo 500 escravos (SAINT- HILAIRE, 1978, p. 53)

O que destaca e chama atenção dos colonizadores é o clima tropical, pois esse clima contribuía para a plantação de diversas espécies de plantas. Segundo Holanda (1995), no arado dificuldades que ofereciam ao seu manejo os resíduos da forte vegetação havia resistência dos animais que puxavam o arado. Buscavam lavradores de novas terras em lugares, de mato dentro, era constante mudança das fazendas de lugar e de dono. Notícia de que o trabalho de enxada é o único que as nossas terras aguentavam ganhou logo credibilidade.

Paisagens, Uso e reflexão da Cientificidade nos Relatos dos Viajantes.

A análise das fontes documentais acima propostas como objeto de estudo da presente pesquisa. Foi no fim do século XVIII e início do século XIX que começaram a vir para o Brasil viajante e naturalista, muitos especuladores para investimentos na nova condição brasileira de império; suas passagens apresentam escritos importante, cujos registros nos fornecem informações de uma sociedade brasileira em movimento a caminho de acertar o compasso com as novas propostas da moderna ciência.

Destes novos viajantes que aportam no Brasil a partir do século XIX, alguns buscavam o conhecimento dos recursos naturais que as regiões ofereciam, outros eram técnicos, com formação científica, como o francês naturalista botânico Auguste de Saint-Hilaire. Outros vieram com missão de explorar, chegava à busca de enriquecimento como é o caso do inglês minerador e geólogo John Mawe. De curiosidade científica percorreu o interior mal conhecido do Brasil e fez interessantes e cuidadosas observações sobre os costumes e caráter dos habitantes, uma quase viajante repórter do século XIX. Em muitos momentos repassados de pré-conceitos.

Em nenhum ramo de trabalho rural os fazendeiros se descuidam tanto como no tratamento do gado. Não cultivam pastagem, não constroem carcados, nem armazéns de forragem para a época da escassez. As vacas não são ordenadas com regularidades; consideram-nas mais como ônus do que como fonte de renda. Precisam de sal, de quando em quando, que lhes é dado de quinze em quinze dias, em pequenas porções. A indústria do leite, se assim podemos qualificar, é conduzida com tão pouco asseio, que a pequena quantidade de manteiga fabricada fica rançosa em poucos dias e o queijo de nada vale. Neste ramo essencial estão deploravelmente atrasados, raramente se vê uma fazenda com instalações que se possa olhar .(MAWE, 1978, p.67).

O inglês John Mawe (1764-1829) chegou ao o Brasil em 1807, comerciante buscava fazer fortuna. Em sua estada no Brasil desembarcou em Santa Catarina, visitou Curitiba, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. John Mawe permaneceu por muito tempo no com interesses em pedras preciosas, e

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

regressou a Inglaterra em 1811. Os estudos científico de Mawe, no que se refere às pedras preciosas do Brasil foi de grande importância para o emprego das “gemas brasileiras” nos meios ingleses que eram desconhecidas até este momento serão altamente cotadas na bolsa de pedras preciosas.

Mawe não se limitou a percorrer o interior mal conhecido do Brasil, fazendo interessantes e quase sempre justas observações sobre os costumes e caráter dos habitantes, adquirindo assim os foros de um dos primeiros, cronologicamente o numero um dos viajantes-repórteres de nossa terra. Espírito inteligente e empreendedor, além de sugerir reformas nos métodos agropecuários em usa, e novas culturas a tentar nestas glebas quase virgens, pode pelos seus conhecimentos de mecânica e de desenho, contribuir eficazmente para introduzir e espalhar melhorias nos ultra-rotineiros processos de produção do Brasil colonial.[...] (MAWE,1978, p.16).

Ao retornar a Londres contraiu prestígio como conhecedor de minerais em especial para as pedras preciosas). Permanecendo no Brasil de 1807 a 1811. Em 1812 publicou pela primeira vez seus relatos em inglês e a partir de 1821 em forma de livro publicou seus apontamentos nos Estados Unidos, França, Itália, Holanda, Suécia, Alemanha, Rússia e em português “Viagens ao interior do Brasil”.

O francês naturalista e botânico August de Saint-Hilaire relata sobre a mata atlântica dizendo que as árvores falam por si próprias, tem seu tamanho diferenciado e uma não é igual a outra diferente do que costumava ver na Europa, sua admiração e cuidados com os estudos da natureza não desprezam a presença dos colonizadores que formam os núcleos populacionais que são as sociedades. Esses relatos irão de certo modo descrever cada detalhe que compõe cada lugar. Escreviam sensações dos lugares, utilizando da retórica e da arte.

O naturalista francês Auguste de Saint- Hilaire (1779-1853) era botânico nas suas viagens possuía interesses na coleta e registros das plantas, mas também não se esquecia dos animais e para além de seus interesses na fauna e na flora, de forma específica, o povo brasileiro chama sua atenção , seus usos, costumes, móveis, utensílios, cultura e formas de cultivar. Em suas viagens observou populações nativas e mestiças e anotou tipos físicos e línguas étnicas permanecendo no Brasil de 1816 a 1822.

Como pudemos conferir Auguste de Saint-Hilaire em seus relatos apresentam registros que são documentos importantíssimos, registros que também retrata os costumes e a vida do povo brasileiro no início do século XIX. Em seus relatos sempre falava de forma muito amigável sendo muitas vezes confundidas com o romantismo.

Entendemos que os viajantes olham não só o espaço como um todo, mas sim de maneira detalhada para contar em seus relatos. Observavam objetos, fauna e flora, relações sociais, estruturas entre outros que se apresentam aos seus olhos como algo inusitado que não é comparável ao que

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

deixaram em suas nações de origem. Segue-se que deste elemento comparativo haverá sempre uma depreciação em relação aquilo que é observável em suas viagens pelo interior.

Cada viajante trazia consigo um conhecimento diferente um exemplo seria Auguste de Saint-Hilaire que era botânico, um olhar que recai sempre sobre a expressão da natureza e o homem em contato com ela. Em John Mawe que era especialista em pedras preciosas há uma preocupação de cunho geográfico e ocupação do espaço. As obras desses naturalistas eram publicadas em várias línguas. Mas muitas vezes por causa dos viajantes não possuir grande conhecimento da língua portuguesa, não acerta localidades e nome de pessoas. Um exemplo seria de John Mawe.

Não obstante o real apreço em que foi tida desde os primeiros tempos a obra do mineralogista britânico, mais do que eloquentemente atestado pelas numerosas tiragens em varios idiomas que conseguiu, seu valor como contribuição para o conhecimento das coisas brasileiras, embora grande, tem dado margem a algumas restrições bem fundamentadas. Não há negar que nela se encontra muita coisa aproveitável, o conhecimento deficiente, porém, da língua portuguesa, que tinha o autor, levou-o a deturpar, as vezes de modo a torná-los irreconhecíveis, os nomes de pessoas e localidades (MAWE,1978, p. 17)

Observaremos que John Mawe apesar em sua condição de comerciante, as preocupações com que observa os vários aspectos regionais elege como os mais importantes elementos como as montanhas, o clima entre outros. Por onde passa no interior do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa permitiu uma dilatação de conhecimento que se observa nas análises das fontes documentais tendo como suporte historiadores que nos deram sustentação a produção de texto e amadurecimento das informações. Concluímos que esta pesquisa que analisa os “Costumes Rurais na Região Sudeste do Brasil: Paisagens, Usos e reflexões da Cientificidade nos Relatos de Viagem de John Mawe (1807-1811) Auguste de Saint-Hilaire (1816 a 1822)”, nos apresenta aspectos interessantes da formação da sociedade brasileira e as varias possibilidade que o período imperial apresentou como ocupação das regiões de interior com formação de propriedades que posteriormente foram formadoras de núcleos populacionais que foram elevadas a condição de cidade. Hoje são cidade e municípios reconhecidos pelos aspectos importantes que oferecem para a economia de nosso país, de nossa região sudeste. Ao colocar diferentes autores e fontes documentais para dialogar foi possível estender o horizonte do conhecimento com aspectos interessantes de nossa história.

Uma contribuição importante a ser tirada desse estudo, é que os futuros professores licenciados levam consigo importantes aspectos da produção do conhecimento. Uma experiência para ser aplicada na educação básica. Uma oportunidade de levar essa problemática para dentro da escola, conduzir o ensino aliando-o a produção do conhecimento, direcionando esta experiência para o

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

ambiente escolar, ampliando os horizontes do conhecimento para conhecer e valorizar cada vez mais a história de seu país.

FONTES IMPRESSAS:

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil** - Pero de Magalhães Gandavo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Tradução: Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: São Paulo: Editora Itatiaia, 1978.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução: Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: São Paulo: Editora Itatiaia, 1978.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPISTRANO de Abreu. J. **Capítulos de História Colonial: 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília; 1982.

CHAUÍ, M. **História do povo brasileiro: Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Álamo, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DEL PRIORE, Mary & VENÂNCIO, Renato. **Uma História da Vida Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FREITAS, Marcos César (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

FREYRE, G. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981.

HOLANDA, Sergio Buarque de. (Org.). **História Geral da Civilização brasileira, I - A Época Colonial. Do descobrimento à expansão territorial. V. 1 e 2**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, S. B.de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SOUZA, Laura de Mello & NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil** (vol. I). Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Laura de Mello. Aspectos da historiografia da Cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos César (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

VAINFAS, R. **A Heresia dos Índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.